

TECENDO MEMÓRIAS:

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA SOBRE AS RUÍNAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL EM RIO LARGO



Valdise Alves

Trabalho de Conclusão de Curso
Graduação em Jornalismo

Fotografia
Texto
Diagramação
Valdise Alves

Orientação
Prof.^a Dr.^a Janayna Ávila

Universidade Federal de Alagoas – UFAL
2024

O espólio têxtil de Rio Largo

Às margens do Rio Mundaú na de cidade Rio Largo, região metropolitana de Maceió, as edificações das fábricas Cachoeira e Progresso e de seus equipamentos culturais desmoronam silenciosamente sem resistência. Andar pelas ruas centenárias da cidade banhada pelo Rio Mundaú causa desalento ao observarmos os vestígios de um passado glorioso aos poucos vem sendo apagado por um futuro pouco promissor.

Em outrora, na década de 30 a localidade experienciou o auge industrial, cultural e educacional, consequente a construção da linha férrea em 1884 na cidade e a instalação de duas unidades de fábricas têxteis. A junção do capital das duas manufaturas, pouco anos depois de suas edificações, deu origem à Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), conferindo a até então Vila de Rio Largo condições urbanas mais abrangentes.

Após uma década de funcionamento a Vila operária da CAFT contava com mais de 400 moradias para os operários da fábrica, além de edificações destinadas ao lazer, cultura e educação sendo elas: igreja (católica), centro médico, cassino, cinema, teatro, grupo escolar, creche, ginásio estudantil, restau-

rante e obras urbanas, passando assim a representar na época a forma mais desenvolvida de uma fábrica têxtil com vila operária em Alagoas, o que propiciou ao povoado um relevante desenvolvimento urbano, político e social, ocasionado em 13 de julho de 1915, a emancipação política do município de Santa Luzia do Norte.

Precursora em iniciativas inovadoras visando bem-estar e seguridade social de seus colaboradores, sendo a primeira fábrica têxtil a apresentar uma proposta de proteção ao trabalhador, a CAFT se destacava não apenas no estado de Alagoas, sobressaindo-se no cenário nacional e internacional também.

A companhia recebeu prêmios em duas ocasiões: na Exposição Nacional de 1908, realizada no Rio de Janeiro, e na Exposição da Indústria e do Trabalho, em Turim, na Itália, em 1911. Atualmente os prédios ocupados pelas confecções encontram-se em ruínas, abandonados. Hoje são apenas pálidas lembranças da época de ouro da cidade, vivida na década de 30.

Os teares da indústria fabril pararam sua produção em 1980, devido a uma praga que

se espalhou nas plantações de algodão, principal matéria-prima utilizada pela manufatura. Logo, a companhia foi vencida pela concorrência com artigos importados.

O fechamento das manufaturas na região foi o início de seu retrocesso, alterando a dinâmica política, social e cultural da cidade de Rio Largo, causando grande impacto na economia do município e na paisagem urbana, resultando na migração da população rio-larguense para Maceió, capital do estado, e cidades vizinhas, em busca de trabalho. Por conta desse êxodo, Rio Largo passou a ser chamada de “cidade dormitório”. A expressão é uma analogia a um local de hospedagem, usado apenas para dormir.

A crise que levou os teares da companhia a paralisação foi apenas um dos fatores que contribuíram para o atual cenário de abandono das edificações da Companhia Alagana de Fiação e Tecido. O desinteresse por parte dos herdeiros em preservar e reutilizar os espaços ociosos do sítio arquitetônico da CAFT, a falta de reconhecimento do valor histórico das edificações por órgãos competentes e a ausência de um plano diretor municipal são as razões pelas quais o município vem sofrendo perdas históricas irreparáveis.

Ironicamente, as construções que impulsionaram o progresso da cidade são as mesmas que agora são demolidas em nome do desenvolvimento. Os poucos prédios que ainda resistem à ação do tempo e do descaso são as últimas ligações que existem daquela época com a atual. Nos-

sa geração pouco sabe sobre a história e importância das edificações da CAFT para o desenvolvimento do município de Rio Largo e o impacto na vida de seus habitantes. Mais uma parte da memória do trabalho em Alagoas que se perde no tempo.

Na tentativa de preservar a história das indústrias têxteis em Alagoas e os espaços remanescentes da sede industrial da antiga fábrica de tecidos Cachoeira, que ainda estão em condições de serem restaurados, após décadas de negligência por parte do poder público, foi aprovada recentemente uma lei que concede ao poder executivo a permissão para instalação do Museu de Território Industrial Gustavo Paiva no município, onde funcionava o antigo Departamento de Saúde.

A nova regulamentação é um folego de esperança para conservação, ainda que tardia, desse capítulo da história de Alagoas, após perdas imensuráveis. Nos resta agora a expectativa que as ações propostas por essa lei sejam tomadas o mais breve possível, antes que estes espaços desapareçam por completo.

Valdise Alves



No dia 15 de outubro de 1888 era inaugurada a Fábrica Cachoeira, ainda sob o Regime Imperial do Brasil. Os teares da primeira manufatura têxtil operaram pela primeira vez em 1890, sendo responsáveis pela fabricação de tecidos de algodão crus e brancos



Atualmente, parte do prédio é utilizada como garagem pela empresa Auto Viação Veleiro, enquanto a outra parte está tomada pela vegetação, dando a impressão de um local abandonado





Em 1893, os teares da Fábrica Progresso, que produziam tecidos coloridos, segunda manufatura têxtil implantada no povoamento, iniciaram suas atividades. Atualmente, uma parte do edifício está ocupada por uma agência da Caixa Econômica Federal, lojas de departamento e comerciantes locais, enquanto a outra permanece inativa









As construções, hoje em ruínas, abrigavam o almoxarifado da Fábrica Cachoeira. Após a fusão das indústrias, em 1920, passou a ser o escritório da CAFT. Em 1938, em celebração ao cinquentenário da fundação da Companhia, foi erguida a praça 15 de outubro, em frente ao escritório





A linha férrea, construída em 1884, foi um dos principais motivos da escolha da região para a construção das fábricas têxteis, usada como principal via de escoamento da produção e fornecimento de insumos





Sem condições favoráveis para navegação, mas com grande potencial para geração de energia, uma pequena hidrelétrica foi construída em um trecho do rio Mundaú em razão das quedas d'águas, fornecendo a energia necessária para movimentar os teares das fábricas e atender a 500 moradias da vila operária

Construído em 1927, o Departamento de Saúde servia como um local de apoio para os operários, tornando-se uma referência em atendimento médico na época. A motivação para sua criação surgiu após a morte de um operário em um acidente de trabalho





Inaugurado em 24 de junho de 1943, o restaurante dos operários foi fundado seguindo as indicações do Serviço de Alimentação da Previdência Social, criado pelo governo de Getúlio Vargas. O espaço comportava 125 mesas, dois frigoríficos e uma padaria, com capacidade para atender 500 pessoas e servir 1.200 refeições diárias



À esquerda, a casa dos proprietários da CAFT, construída num local estratégico, com vista para boa parte dos edifícios do núcleo fabril. À direita, parte da linha férrea, a mini hidrelétrica e o restaurante para operários





Construída inicialmente com 80 residências, a vila operária cresceu para mais de 400 em uma década. Atualmente, parte dessas casas se encontra abandonada ou foi demolida e poucas ainda preservam sua arquitetura original







A igreja Sagrado Coração de Jesus foi construída há 100 anos, em 1924, pelos operários da Fábrica Cachoeira. Já a parte artística do templo foi assinada por Feruzio Brazini. As construções que ficavam ao redor da igreja foram destruídas pela enchente de 2010



O grupo escolar ou escola modelo da CAFT foi a primeira instituição de ensino de Rio Largo. Fundada em 1919, atendia cerca de 1.000 alunos, todos filhos de operários. Oferecia vagas do 1º ao 4º ano primário e teve papel importante na redução do analfabetismo, que atingia 80% da população à época



Construído em 1942, o cine teatro Guarany proporcionava lazer e cultura para os funcionários da fábrica. No local apresentavam-se espetáculos teatrais, orquestras e grupos musicais vindos de todo Brasil, além dos locais, como a banda de jazz feminina da CAFT. O espaço foi desativado em 1978

Trabalho de Conclusão de Curso
Graduação em Jornalismo

Fotografia
Texto
Diagramação
Valdise Alves

Orientação
Prof.^a Dr.^a Janayna Ávila

Universidade Federal de Alagoas – UFAL
2024